

Modulações Helianas no PPFH

Heliana modulations in the PPFH

Deise Mancebo; Denise Barata; Estela Scheinvar; Esther Arantes; Luiz Antonio Saléh Amado.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO:

Heliana Conde de Barros Rodrigues – a nossa Heliana – é uma presença múltipla e intensa que reverbera nos que compartilhamos com ela a experiência de estar em uma pós-graduação, o PPFH/UERJ. Desde a sua entrada, até os modos de estar nas diversas esferas de trabalho, afirmava que academia e práticas de intervenção política não estão dissociadas. As modulações do seu estar na vida acadêmica e suas ressonâncias compõem o presente texto-depoimento de um grupo de professores que, com ela, construímos uma história regada, sempre, a bom humor.

Palavras-chave: Heliana Conde; Pós-graduação; Docência

ABSTRACT:

Heliana Conde de Barros Rodrigues - our Heliana - is a multiple and intense presence that reverberates in those of us who shared with her the experience of being in a postgraduate program, the PPFH/UERJ. From the moment she entered the program to the way she worked in different spheres, she affirmed that academia and political intervention practices are not dissociated. The modulations of her being in academic life and their resonances make up the present text-statement of a group of professors who, with her, built a story that is always filled with good humor.

Keywords: Heliana Conde; Postgraduate course; Teaching.

DOI: 10.12957/mnemosine.88603

Modulações Helianas no PPFH

Era o ano de 2017. A ASDUERJ – o sindicato dos docentes da UERJ – conduzia um movimento reivindicativo por melhores condições de trabalho e estudo, que dividia a categoria. Alguns aderiram à greve e outros eram contra a paralisação, que tampouco foi apoiada pela Reitoria. Em particular, as pós-graduações iniciavam um debate sobre a sua adesão a essa forma de movimento – até então, um fato raro.

Na ocasião, Heliana era professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS) da UERJ. Entre os efeitos de tantos dissensos, o PPGPS também se dissolvia em meio às forças em tensão; discutia-se, inclusive, modificações estruturais no Programa. Muitos conflitos e rupturas, em um combate frente aos quais Heliana – ao lado de demais colegas – deixava clara sua adesão à greve, bem como à manutenção da estrutura da histórica pós em Psicologia Social. Perderam. O Programa não aderiu à greve e o curso sofreu modificações importantes nos anos que se seguiram.

Foi nesse contexto que surgiu o convite à Heliana, para incorporar-se a nossa pós, o Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH), que defendia abertamente a adesão à greve naquele momento tão perigoso, em que a existência da própria Universidade estava em jogo. Podemos dizer que ela se juntou ao corpo docente do PPFH em um ato militante, insistindo em que academia e práticas de intervenção política não estão dissociadas. Sua ruptura com o grupo da Psicologia, com o qual havia construído tantos vínculos, se projetou em um movimento instituinte, enfrentando – usando seus termos – “os domínios instituídos de saber [que] funcionam como obstáculos político-epistemológicos difíceis de ultrapassar” (RODRIGUES, 2004, p. 8). Se os obstáculos postos não foram ultrapassados por uma correlação de força no Instituto de Psicologia, podemos dizer que foram sim ultrapassados com o seu acolhimento no PPFH. Assim como em muitos outros episódios, Heliana foi expressão de uma prática acadêmica de luta, de combate cotidiano, seja em momentos mais emblemáticos, seja no fazer acadêmico que tem pouca visibilidade no dia-a-dia.

Amplamente reconhecida em nível nacional e internacional por sua excelência acadêmica, por seu compromisso em todas as atividades das que participava, por sua seriedade, doçura, firmeza e generosidade, sabíamos que a chegada da Heliana traria criatividade, potência e boas gargalhadas. Não nos equivocamos! Ela chega por um percurso de coerência com o que dizia e fazia. Deixou, não sem muita dor, a casa que ela construiu com tantos pares, na que formou tantos profissionais, para abrir novas parcerias e enriquecer um fazer acadêmico, que podemos chamar de cuidadoso, no PPFH.

Nosso PPG, o PPFH, se organiza de forma colegiada: trabalhamos em comissões e assim descentralizamos não só o acúmulo de tarefas, como a tomada de decisões. Não se trata de um princípio retórico, mas de uma dinâmica que convoca professores, estudantes e técnicos a definir e executar as múltiplas, complexas e delicadas rotinas de uma pós-graduação no Brasil. É exaustivo o trabalho pelo volume de tarefas e pelos cuidados necessários para encaminhar as rotinas. Desde sua entrada no PPFH, Heliana trabalhou na comissão de seleção, além de assumir outras tarefas mais pontuais.

O período em que participou da comissão de seleção foi intenso. O Programa passava por um momento de discussão acerca do processo seletivo para ingresso dos estudantes. Além disso, começávamos a entrar na era sombria da judicialização iminente. A presença de Heliana foi determinante. Sua capacidade de criação, sempre aliada a importantes doses de bom humor, nos possibilitou enfrentar momentos difíceis com eficiência e objetividade, porém com a possibilidade de aliviarmos as tensões graças às boas gargalhadas que nos proporcionava.

Do mesmo modo, ainda que não necessitasse completar carga horária, foi uma assídua professora, ofertando seus tradicionais e muito procurados cursos, seja de história, seja trabalhando as ferramentas da Socioanálise, seja sobre o pensamento de Foucault ou, ainda, participando da disciplina Teorias da Formação Humana I, obrigatória para mestrandos e aberta a todos os interessados.

Um traço marcante da Heliana era o seu desejo de coletivo. Assim, quando soube que os professores tínhamos a tradição de compartilhar a oferta de disciplinas, logo se entusiasmou e se incluiu nessa prática. Do mesmo modo, seu espaço de orientação fugia da relação privada, irradiando compartilhamentos, no compasso da aposta nos grupos, sobre os quais ensinava a partir das ferramentas institucionalistas e da sua própria forma de intervir na construção de pesquisas, que o sistema de pós-graduação quer privadas e ela coletivizava.

Em um texto em que Heliana problematiza a apropriação do grupalismo como mais um especialismo, ela propõe um fazer na formação do psicólogo (sua área acadêmica) distante de uma técnica a aplicar e mais próxima a uma ética profissional:

“Nossa análise, por conseguinte, pretende contribuir para a atualização de uma política ainda inexistente: uma formação de psicólogos, no que se refere às grupais, apta a instaurar uma suspeita refletida quanto à aparente simplicidade das histórias que nos contam. Pode parecer pouca coisa, em princípio. Mas talvez seja decisivo se pretendemos abandonar nossos *mortíferos especialismos* e começar a construir saberes e práticas muito especiais: aqueles que

possam instaurar modos de saber, fazer e ser em favor da diferença e da vida” (RODRIGUES, 1998, p. 33-34).

Inspirado por essa perspectiva, seu trabalho docente chegava a ser inusitado, por acolher propostas transformando-as em acontecimentos singulares. Assim, o compartilhamento de disciplinas com Heliana proporcionava experiências riquíssimas, quer durante a organização do programa, quer ao longo do desenvolvimento das aulas. Como em tantas outras atividades das que participava, suas contribuições fluíam. Temas, textos, autores, títulos, tudo isso surgia com facilidade, reafirmando o que já sabíamos: sua potência intelectual. Estes momentos aconteciam num ambiente que demonstrava a superioridade das relações pautadas na amizade e na alegria, valores que ela sempre cultivou.

E aqui cabe mencionar o imenso carinho de Heliana para com os seus alunos ou “mestres aprendizes”, como gostava de dizer. Afirmava que em 1989, quando ingressou na UERJ, ela gostava de ser professora e que, aos poucos, foi se desgostando, em função dos diversos constrangimentos e regulamentações que começaram a ser impostas aos programas, pela CAPES e agências de financiamento de pesquisas, como sinônimo de produtividade acadêmica.

Neste sentido, sabemos o quanto foi importante e decisivo o encontro de Heliana com seus grandes “mestres pensadores”, entre os quais Michel Foucault e Alessandro Portelli, e com os seus “mestres aprendizes”, porque estes encontros a tiraram daquilo que era vivido como o intolerável na prática acadêmica.

De modo singular, Heliana esteve no universo acadêmico ocupando muitos dos espaços que ele abrange, possibilita e convoca, nunca pela perspectiva de um dever, como quer o liberalismo que define de forma transcendente o quê e como há que se comportar, mas pela imanência de uma existência que se entendia na dimensão do político. Vivia cotidianamente o seu ofício de professora. Mas não apenas dentro da sala de aula. Ela subvertia a ideia de espaço de difusão de conhecimento limitado ao espaço escolar. Tivemos oportunidade de experimentar sua sabedoria e seu tão refinado e divertido senso crítico nos corredores, em bares e no banco do carona de um carro.

Contrariando a ideia pedagógica que estabelece temas a serem ensinados de forma sequencial e com dia e horário definidos, conversas aleatórias eram sempre um fecundo território de troca e aprendizagem. Perder um celular poderia ser o mote para conversar sobre o artigo de Giorgio Agambem, “O que é um dispositivo?”, ou mesmo receber um *drive* com toda a bibliografia do seu seminário atual. E, claro, um *drive* feito por algum/a parceiro/a, já

que a tecnologia não era o seu forte, apesar de estar sempre atualizada com as respostas de e-mails.

No entanto, não era só o texto (dito) acadêmico que lhe interessava: tirinhas de quadrinhos como “O Corpo é Porto”, do André Dahmer, eram trocadas com colegas pelo correio eletrônico. E elas serviam, muitas vezes, para disparar conversas fecundas não apenas sobre conceitos, mas de toda uma gama de temas, por meio de analogias e metáforas. E a música? Quantas vezes sonoridades propiciaram conversas em uma sensível fruição.

De estudante do curso de francês destinado a professores/as na UERJ à tradutora do volume 4 da História da Sexualidade, de Michel Foucault, em parceria com a prof^a. Vera Portocarrero, em 2020, Heliana não demonstrou apenas o conhecimento da língua. A tradução é a revelação do seu profundo conhecimento sobre o autor.

Heliana era polifônica e, em termos de “O Careca” – como ela apelidava Michel Foucault, com toda a familiaridade permitida a quem conhecia sua obra de forma íntima – ela operava pela lógica do acontecimento, porquanto ele faz ressurgir a história “efetiva”, na medida em que o acontecimento não é “...uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado...”, cujas forças “que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta” (FOUCAULT, 1982, p. 28). Desse modo, mesmo atividades e espaços que pareceriam distantes a um fazer acadêmico tomavam a forma de problematização, de batalhas a travar, de encontros a experimentar.

Com esse modo de caminhar, a vida acadêmica nunca saiu dela. Mesmo em momentos de adoecimento físico, de interrupção de rotinas, em todos os espaços de cuidado em que esteve nos seus últimos meses de vida, seus olhos brilhavam ao lembrar, debater, ou inventar projetos, textos, ideias, que eram, de fato, o oxigênio da sua existência.

Heliana, presente: hoje e sempre!

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1982.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. História oral, memória e modos de subjetivação. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ano 2, n. 2, 2º semestre de 2004.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Perigos e promessas do encontro entre grupalismo e historiografia na formação de psicólogos. **Temas em Psicologia**, v.6, n.1, p. 33-44, 1998.

Deise Mancebo
Mestre em Psicologia e Doutora em Educação
Docente do Programa de Pós-Graduação em
Políticas Públicas e Formação Humana da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
E-mail: deise.mancebo@gmail.com

Denise Barata
Mestre em Educação e Doutora em Semiótica da Música
Docente do Programa de Pós-Graduação em
Políticas Públicas e Formação Humana da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
E-mail: denisebarata@zoho.com

Estela Scheinvar
Mestre em Sociologia e Doutora em Educação
Docente do Programa de Pós-Graduação em
Políticas Públicas e Formação Humana da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
E-mail: estelascheinvar@gmail.com

Esther Maria de Magalhães Arantes
Mestre e Doutora em Educação
Docente do Programa de Pós Graduação em
Políticas Públicas e Formação Humana da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
E-mail: arantes@puc-rio.br

Luiz Antonio Saléh Amado
Mestre e Doutor em Psicologia
Docente do Programa de Pós Graduação em
Políticas Públicas e Formação Humana da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
E-mail: saleh.amado@gmail.com